

O Homem do Povo: Oswald de Andrade e outros articulistas

AURORA CARDOSO DE QUADROS*

Resumo

No jornal *O Homem do Povo*, Oswald de Andrade alia-se a outros articulistas, que assinam as seções ora com pseudônimos, ora com os próprios nomes. Este trabalho trata de aspectos históricos e expressivos dos articulistas do referido jornal, em especial dos seus colaboradores anarquistas, que se unem ao escritor modernista para protestar contra o sistema e professar a revolução social.

Palavras-chave: Anarquismo; Oswald de Andrade; Jornalismo; Comunismo; Revolução.

O Homem do Povo: Oswald de Andrade and other articulists

Abstract

In the newspaper *O Homem do Povo*, founded by Oswald de Andrade, the writer joins other writers, who contribute to sections sometimes writing under pseudonyms, sometimes using their own names. This paper deals with the writers' important historic and expressive aspects, focusing on their anarchist collaborators, who join the modernist writer to protest against the system and profess a social revolution.

Key words: Anarchism; Oswald de Andrade; Journalism; Communism; Revolution.



* **AURORA CARDOSO DE QUADROS** é professora do Departamento de Comunicação e Letras - Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada com o tema sobre o jornal comunista *O Homem do Povo*.



No Jornal *O Homem do Povo*, fundado por Oswald de Andrade em 1931, o escritor modernista dá uma amostra da sua veia impulsiva, pois o mesmo é fundado quando o *enfant terrible* adota o pensamento comunista, associa-se a anarquistas e veste a camisa da militância política, fazendo parcerias com pensadores esquerdistas de então e demonstrando sua veia múltipla e brincalhona. Inicialmente, há um fato que certamente inspirou Oswald de Andrade e consta entre aqueles que favoreceram a Revolução Russa, que até então era considerada modelo e inspiração aos esquerdistas brasileiros. Trata-se do papel instrutor da imprensa ao qual se ligam fatos relatados por Mário da Silva Brito (1978) quando este evoca Lênin e outros personagens da Revolução Soviética como base para os intelectuais de esquerda no Brasil dos anos 1930. O teórico insere a então situação da Rússia como exemplo de sistema ideal para os esquerdistas, citando também o exemplo do jornal *Pravda*, usado como fundamental ferramenta de instrução rumo à Revolução Russa, em 1917.

No início da década de 1930 no Brasil, a crise do país, após a queda da bolsa de Nova Iorque em 1929, os problemas financeiros e sociais e, especialmente, a visão da decadência do regime capitalista geraram uma animosidade revoltosa daqueles que se predisponham ao combate. Vislumbrando uma vitória semelhante à soviética, ainda entendida como medida eficaz para a justiça social, insere-se o papel instrumental do *Pravda*, jornal fundado por Lênin. No Brasil, a queda da oligarquia rural e outros fatos adversos, como reflexo da crise chamada de *Grande depressão*, repercutem no fechamento de indústrias e em condições miseráveis de trabalho do proletário. Tais fatos fermentam os ideais socialistas e a revolta se dirige contra a elite burguesa, a partir dos fatos políticos, econômicos e sociais, com a falência de cafeicultores atingindo diretamente os trabalhadores assalariados e resultando em uma série de problemas, explicados por Mário da Silva Brito. O teórico reafirma a associação do sentimento revolucionário com a imagem que se tinha da Rússia, lembrando a

importância do jornal como veículo de divulgação dos ideais revolucionários daquele país:

De então por diante a insatisfação cresce, as greves se sucedem, a influência bolchevista no seio da classe operária progride, e disso é sintoma o êxito espetacular do lançamento de seu órgão político – *O Pravda*. Lênine, do exílio, é o lutador incansável e com Trotski, que participara do movimento de 1905, e Stalin, seis vezes exilado, dirigirá a revolução vitoriosa de 1917, que derrubaria o Czar e, mais do que isto, derrubaria todo um sistema econômico e político, pondo em ação uma nova ideologia. (BRITO, 1978, p. 97)

Esse dado favorece o entendimento dos motivadores do jornal *O Homem do Povo*. Fica claro que a Revolução Russa havia influenciado a resistência do proletariado brasileiro, impulsionada por adventos como a própria fundação do Partido Comunista no Brasil em 1922, e o trabalhador chega ao decênio de 30 com um histórico de manifestos e greves. O governo Vargas, diante da disposição revolucionária, cerca-se de garantias, sendo que os militantes, em suas inclinações esquerdistas, sofrem perseguições e têm que recorrer a pseudônimos e à clandestinidade.

Nessa conjuntura, Oswald de Andrade associa-se a vários personagens no trabalho com o referido jornal. Quase todos escrevem sob pseudônimos, veiculando manifestos, artigos, tirinhas e notícias, para os quais encontram terreno fértil, naquele contexto de crise financeira, em que a quebra da bolsa de Nova Iorque causa dificuldades em variadas áreas. A partir da pesquisa sobre esse contexto, este artigo se propõe a pontuar fatos das tendências políticas de então, sobretudo a respeito de personagens e suas ideias anarquistas

que se unem na produção das matérias do jornal *O Homem do Povo*.

Ainda que as respectivas vertentes do anarquismo não fiquem muito bem delineadas no jornal, não resta dúvida do teor posicional de derrubada do sistema e demonstração do desejo de eliminação dos poderes de então, expresso pelas ideias e atitudes, e confirmado neste estudo pela revelação das identidades dos pseudônimos. Concordando com Lená Medeiros de Menezes e Maria Izilda S. Matos, quando dizem que “o anarquismo nasceu e cresceu comunista” (MENEZES; MATOS, 1999, p. 271.), as aproximações e alianças anarquistas de Oswald não seriam de se estranhar.

Sabe-se que um dos fatores que fizeram surgir os ideais anarquistas no Brasil foi o advento da imigração. Com relação a essa questão, Oswald de Andrade porta-se como um brasileiro do povo, ao lado dos parceiros que não raro veiculam um discurso de crítica ao aproveitamento de mão de obra estrangeira. A crise do país, com a chegada de imigrantes que vinham em busca de trabalho, torna pior a situação dos trabalhadores locais e motiva a criação de regulamento para os sindicatos. Sob o pretexto de defender os trabalhadores, o governo começa a regular as iniciativas trabalhistas.

Porém, segundo Boris Fausto (1995), ao contrário do que pode parecer, a regulação do governo não visava a proteger o operário, mas “anular no campo sindical a velha influência anarquista e a influência comunista nascente, transformando os sindicatos em organismos oficializados, numericamente restritos, apolíticos e voltados exclusivamente para as reivindicações profissionais” (FAUSTO, 1995, p. 253). Neste contexto de controle estatal, o jornal

oculta assinaturas cujas origens e interligações, apresentadas neste estudo, evidenciam que a organização dos mesmos produz um discurso jocoso, com um humor que visa a incomodar o *status quo* de então.

O campo do sério-cômico

A partir dos elementos orgânicos do periódico, percebe-se como resultado um contorno diferente na questão relativa ao gênero do jornal, transfigurado pelas propriedades do jornalismo oswaldiano cuja postura já traz a comicidade e a insubordinação de modo inerente. *O Homem do Povo* torna-se uma mescla de traços variados que se articulam atribuindo natureza especial à trajetória, já iconoclasta, do escritor. Inicialmente, assemelha-se a um jornalismo típico. A produção do jornal conta com todo o processo da grande imprensa, em que há redatores, repórteres, fotógrafos, editores, diretor, secretários, articulistas. Sua estrutura também segue o padrão da grande imprensa, sendo dividida em seções e colunas, abarcando entrevistas, reportagens, notícias, anúncios, comentários e artigos. Suas tiragens periódicas apresentam-se em folhas duplas, soltas e encasadas.

Mas, por tudo o que o jornal apresenta, do qual se busca enfatizar traços importantes, evidencia-se sua diferença em relação ao jornalismo padrão. *O Homem do Povo*, antes de informar e perseguir a seriedade nos artigos, busca pelo verbo a inversão dos papéis sociais, provocando a elite e defendendo o povo. Para aquela, desenha seu destronamento; para esse, esboça a ascensão social. Iniciando a tentativa de entender o funcionamento dos atributos que caracterizam o gênero do jornalismo oswaldiano em *O Homem do Povo*, observa-se que a insistência no convencimento do leitor por meio do

combate político e social, em sua natureza subversiva, sugere a face panfletária, combativa e veemente, a qual se aproxima da acepção de Honoré de Balzac (2004), para quem panfleto é “a razão com a crítica fazendo fogo como um mosquete e matando ou ferindo um abuso, uma questão política ou um governo” (BALZAC, 2004, p. 71). Estão implicadas nesse conceito balzaquiano as características da crítica feroz. A metáfora usada pelo autor francês representa bem a atitude central do jornal, que busca alvejar e destruir valores instituídos.

Tomado em comparação a Balzac, e tratando de *O Homem do Povo*, Vinicius Dantas em “O canibal e o capital” (2006), faz uma análise semelhante, ao explicar que “[s]eu jornalismo panfletário fundava-se na provocação (direcionada a elite jurídica e empresarial de São Paulo e à igreja) e jogava o leitor diante da contradição econômica e social” (DANTAS, 2006, p. 153). Essa provocação muitas vezes apresenta ataques veementes e acerbos, construindo o caráter da diatribe.

Mas se, por um lado, as propriedades panfletárias, incitativas e críticas instalam-se no jornal, por outro, a leitura de *O Homem do Povo* propicia várias outras possibilidades no ângulo que investiga a natureza múltipla do seu jornalismo anarquista. As possibilidades de compreensão quanto ao seu gênero e aos atributos que o jornal apresenta ultrapassam limites. E fazendo jus à configuração essencial do cômico do jornal, volta-se à acepção de Balzac, para o aprofundamento do que parece ser um dos aspectos mais significativos do periódico. Trata-se do ponto em que o autor francês diz que “o panfleto é o sarcasmo em estado de bala de canhão” (BALZAC, 2004, p. 73). Ressalta-se, com isso, a natureza satírica e traquinas,

que agora se justifica como ingrediente fundamental na tentativa de entender atributos que tocam as linhas do gênero do jornal. E o discurso jornalístico abre mão da rigidez informativa para adotar a estética do desvio pelo humor cortante. Liga-se a esse ponto alguns aspectos da teoria de Mikhail Bakhtin na obra *Problemas da Poética de Dostoevski* (2006), sobre os gêneros dotados de características especiais, que ele abarca como “campo do sério-cômico”. As produções desse gênero, segundo ele, fazem oposição a gêneros sérios como a tragédia, a epopeia, a história, a retórica clássica, etc. Inicialmente, ele explica:

No caso da Antigüidade Clássica e, posteriormente, na época do Helenismo, formam-se e desenvolvem-se inúmeros gêneros, bastante diversos exteriormente mas interiormente cognatos, constituindo, por isso, um campo especial na literatura que os próprios antigos denominaram muito expressivamente: (caracteres especiais), ou seja, campo do sério-cômico. (BAKHTIN, 2002, p. 106)

Adotando o raciocínio que liga a crítica ferina ao sarcasmo descrito por Balzac, em analogia com Bakhtin, percebe-se que, ao mesmo tempo em que parece expor suas verdades “austeras”, o articulista principal de *O Homem do Povo*, Oswald de Andrade, imbuído da sua capacidade satírica, produz uma mistura de revanche (uma vez que idealiza a queda do sistema), de panfleto e de sátira social, numa mistura de ingredientes que refletem um dos campos descritos pelo estudo bakhtiniano, fato reforçado pelas ligações anarquistas das presenças marcantes no jornal.

Começando pela face grave, de certo modo séria, observa-se a feição panfletária de *O Homem do Povo*, que

reside na natureza subversiva, ideológica e instrumental de conscientização e mudança social, e na situação de crise financeira, que fortalece o ânimo de rebeldia, de não conformismo. Os constructos de que os articulistas se valem não pouparam ninguém, intercalando, como exemplo, os xingamentos, as denúncias e a incitação. Com respeito ao xingamento, seleciona-se um exemplo, extraído do conjunto de pequenos blocos de ideias, intitulado “protestemos”, na terceira página do oitavo número, assinado por “Corypheu”:

[os intelectuais] *Safadamente, explorando tudo que lhes possa alimentar o cabotinismo mórbido, vivem agachados aos pés dos poderosos. [...] Cretinos.*

Exemplo de denúncia encontra-se no artigo “O paraíso norte-americano”, na quinta página do sétimo número, em que, criticando o clero, além de nomeá-lo “uma quadrilha com sede em Roma”, diz:

[o clero] *teme o progresso porque o regimem papista não pode viver sem as mistificações infames!*

Quanto à incitação, um exemplo em que o recurso ocorre de forma explícita reside em outro fragmento do artigo “protestemos”, na terceira página do oitavo número:

Soldados e marinheiros, homens das fabricas e dos campos, protestemos contra essa safada “manifestação cívica”. Ella, como os circos romanos, só servirá para divertir os bem vestidos e alimentados e distrahir o povo que sofre, desviando-o da verdadeira lucta. Protestemos.

Além desses exemplos, de marcada oposição à manipulação de um grupo, a própria temática sociopolítica, apresentada por meio da instigação

revolucionária, evidencia a face panfletária, que busca instigar no leitor à autocrítica e a reação. *O Homem do Povo* também revela a sua própria natureza polêmica. A esse propósito, lembra-se que no artigo “comentários de um homem do povo”, na terceira página do primeiro número, o jornal *Estado de S. Paulo* é apresentado como “defensor da indústria e do capital financeiro”. Mais adiante, lê-se no mesmo artigo:

O “Estado”, a exemplo do que fazem, hoje, por toda a parte, os grandes orgãos reaccionários, mantidos e pagos por todas as forças que, num paiz, tritaram a carne e os ossos do povo, não se peja e não sente o menor embaraço em fazer, de vez em quando, o seu bocado de demagogia.

O jornal *O Estado de S. Paulo*, como se observa, constitui mais um dos alvos de ataque do panfleto de Oswald, sendo entendido como reproduutor da ideologia dominante e opressora, o que reforça a distinção entre a grande imprensa, sobretudo *O Estado*, a que ele sempre se refere como “venerando”, e o panfleto, veiculado pela imprensa miúda.

Os fragmentos acima exemplificativos de características panfletárias, de certo modo já exemplificam a construção de sátira em essência; mas, só com o teor cômico em que a percepção do ridículo se mostra com mais profundidade é que os objetivos satíricos, enquanto crítica política e de costumes, se tornam mais evidentes. Nesse sentido, tomando como base a definição de Bakhtin, volta-se ao sentido do sério-cômico apresentado pelo jornal. E embora o objeto da análise bakhtiniana seja o romance – no caso, o romance de Dostoevski – na distinção dos gêneros sérios, ele classifica vários outros gêneros pertencentes ao campo do sério-cômico:

Neste, os antigos incluíam os mimos de Sófron, o “diálogo de Sócrates” (como gênero específico), a vasta literatura dos simpósios (também gênero específico), a primeira Memorialística (íon de Quio, Críticas), os *panfletos*, toda a poesia bucólica, a “sátira menipéia” (como gênero específico) e alguns outros gêneros. Dificilmente poderíamos situar os limites precisos e estáveis desse campo do sério-cômico. (BAKHTIN, 2002, p. 106-107) [grifo nosso]

Dentre os gêneros sério-cômicos, o panfleto, percorrendo o caminho satírico, alia-se aos procedimentos de xingamento e incitação do riso oswaldiano. Contudo, a pertinência no campo do sério-cômico é identificada para além da simples definição, contando especialmente com uma das três peculiaridades que, a partir de Bakhtin, possibilita ligar *O Homem do Povo* ao referido campo sério-cômico. A primeira, que mais interessa a esta abordagem, reflete a própria natureza do jornal:

A primeira peculiaridade de todos os gêneros do sério-cômico é o novo tratamento que eles dão à realidade. A *actualidade* viva, inclusive o dia-a-dia, é o objeto ou, o que é ainda mais importante, o ponto de partida da interpretação, apreciação e formalização da realidade. (BAKHTIN, 2002, p. 107).

Ainda que o autor se refira aos gêneros antigos, há uma analogia perfeitamente associável ao jornal. Uma outra peculiaridade descrita pelo estudioso também torna-se ilustrativa do teor do panfleto no que descreve o caráter “cínico-desmascarador” (BAKHTIN, 2002, p. 107); e a renúncia à unidade estilística, apresentada na terceira peculiaridade. Essas são facilmente observadas em *O Homem do Povo*. Do

mesmo modo, evidencia-se no jornal, não propriamente o retrato, mas a representação dos fatos da realidade de então. Isso envolve, conforme se pode conferir na biografia de autoria de Maria Augusta Fonseca (2007), as experiências oswaldianas pessoais, como as referências anteriores sobre a crise, a iniciação comunista, o conhecimento e interesse por Luiz Carlos Prestes, a descoberta e iniciação na abordagem marxista, o anti-imperialismo, sua própria apologia a Lênin (que panfletou na Rússia) e ao modelo econômico e político soviético abordado no jornal. Incluem-se também os pensamentos sintonizados com as novas tendências políticas e relatos dos acontecimentos, conforme esses chegavam ao país.

Na análise de Bakhtin, a pertinência da comparação entre literatura séria e os gêneros do campo sério-cômico centra-se na zona de contato com a atualidade desse gênero, que se opõe ao distanciamento lendário e mítico dos gêneros sérios. A abordagem de tal peculiaridade possibilita atar ao jornal a forma de desviar-se do jornalismo padrão, de modo semelhante, pela zombaria na abordagem dos fatos, a temática e a seleção dos pontos de pensamento de Oswald de Andrade. Na sua contemporaneidade, esses aspectos tornam a escrita, de certo modo, familiar e evidentemente refletem os fatos do momento e a tendência revolucionária de derrubada das elites dominantes. Para o intuito político e social, os articulistas criam uma espécie de unidade ideológica de protesto, evidenciando as tendências anárquicas e trajetórias semelhantes, que convergem em traços de identidade política.

Assinaturas e relações anarquistas

A apresentação do jornal já se antecipa delimitando sua natureza. O título “O

Homem do Povo” encabeça todas as páginas de cada um dos números, antecipando, em torno da expressão determinante “do Povo”, impressões sobre seu assunto, seu objeto e sua vocação. Essa expressão que encabeça o jornal é sugestiva, de modo especial, por se inserir analogamente no campo de outros jornais subversivos, como *A Plebe*, *O Trabalhador*, *A Classe Operária*, etc., alguns publicados desde a segunda década do século XX, conforme constata Maria Luiza Tucci Carneiro, na sua obra *Livros proibidos, ideias malditas* (2001). O referente do termo “povo” é esclarecido pelo próprio jornal, no artigo intitulado “Commentarios de um homem do povo”, que fica na terceira página do número 2:

povo quer dizer o povo que trabalha, o povo que sofre, o povo oprimido e explorado.

Se, por um lado, o artigo inclui o povo, por outro, exclui a elite:

Não acreditamos que haja alguém suficientemente cretino para nos vir dizer que o sr. Conde de Matarazzo é povo, que o sr. Crespi é povo, que o sr. Conde de Lara é povo.

E, de fato, no jornal, o povo faz oposição ao burguês, do mesmo modo que o capital faz oposição ao trabalho, o que traz significados substanciais. O título, para além de simples nome, consiste em ponto de convergência das demais partes do jornal, uma vez que, mesmo variando os assuntos, todas apregoam a justiça social por meio da libertação da ideologia dominante.

Sobre as pessoas envolvidas diretamente em *O Homem do Povo*, como colaboradoras de Oswald de Andrade, observam-se algumas que se expõem explicitamente, assinando com seus próprios nomes; outras usam

pseudônimos semelhantes a nomes próprios. Existem também os epítetos brincalhões, em sua maioria criados por Oswald de Andrade, segundo Augusto de Campos (1984). Encabeçando o jornal, apresentam-se os dizeres “direção do homem do povo” [à direita do nome]. À esquerda, apresenta-se os dizeres “editor: Alvaro Duarte” e “secretários: Pagú e Queiroz Lima”. A origem do nome Alvaro Duarte será abordada um pouco mais adiante. Queiroz Lima, ao que tudo indica, é a assinatura de Eusébio de Queiroz Lima, autor de várias obras sobre sociologia jurídica. Como exemplo, a obra *Theoria do Estado* (1930), na qual defende que ao Estado cabe considerar de modo fundamental o direito do indivíduo.

Segundo Queiroz Lima, o Estado ideal é aquele que faz aliança entre as aspirações do próprio Estado, as aspirações da nação e as aspirações do indivíduo. O indivíduo, para Queiroz Lima, torna-se o centro dessa relação, pois constitui a gênese e a razão de ser da coletividade. Suas ideias ligam-se às ideias oswaldianas, sobretudo com relação à causa do povo, à qual esse articulista associa a formulações marxistas. Contudo, torna-se instigante o fato de o nome “Queiroz Lima” não aparecer em qualquer outro ponto do jornal, mas apenas no cabeçalho, ao lado de Pagu, ambos como secretários. Talvez ele esteja também entre os articulistas que não se apresentam com os nomes reais, assumindo apenas a função de secretário e protegendo-se de ser acusado de um discurso subversivo.

Estudando-se as assinaturas, percebe-se que são vários os articulistas que não assumem sua identidade. “Hélio Negro” é uma das assinaturas que mais aparecem, constando nos seis primeiros números, em artigos sobre política e economia. Maria Luiza Tucci Carneiro

revela ser esse o pseudônimo de Antônio Candeias Duarte. A historiadora relata que Candeias Duarte era anarquista, e escreveu e divulgou publicações comunistas. Diz também que a ele era atribuída a propriedade da tipografia Editora Marenglen que, segundo ela, foi acusada, pela polícia de então, de fazer divulgação de vários livretos com traduções de doutrinas de esquerda. Interessante é a revelação que ela faz, dentre as publicações da época, sobre *O Homem do Povo*:

Além de publicações deste gênero, a editora Marenglen foi acusada de imprimir jornais “subversivos”, como *O Homem do povo*, o que lhe valeu guarda diária pela polícia. O próprio Candeias – apesar de afirmar às autoridades policiais que estava afastado das lutas socialistas – chegou a escrever para esse periódico com o pseudônimo de “Hélio Negro”, até o momento em que se afastou por discordar de Oswald de Andrade. (CARNEIRO, 2001, p. 57)

Com a informação, a autora possibilita a suposição de ser Antônio Candeias Duarte também a verdadeira identidade do nome “Alvaro Duarte”, referido anteriormente, e que se apresenta como editor do jornal. Diante da revelação do seu afastamento, arrisca-se aqui a hipótese de o pseudônimo de Candeias não aparecer nos dois últimos números do jornal devido à referida discordância. A autora diz ainda: “Candeias, que já era prontuariado no DEOPS desde 1917, possuía uma ficha bastante comprometedora: além de anarquista, era registrado como proprietário de uma oficina gráfica e figura de destaque da greve geral de 1917” (CARNEIRO, 2001, p. 57). Também expõe a autora que ele escrevera obras de teorias anarquistas e comunistas em parceria com Edgar Leuenroth, mas que, para se

defender das perseguições da polícia, o articulista afirmava ser apenas tipógrafo de obras subversivas atribuídas a ele e à tipografia Marenglen. Tal atividade e tal propriedade editorial podem fundamentar tanto a sua figuração pseudônima como Hélio Negro e, muito provavelmente, como Alvaro Duarte, arrazoando a provável presença desse anarquista de vulto entre os demais no jornal.

O pseudônimo “Gildo Pastor” oculta o nome verdadeiro do crítico literário e militante comunista Astrogildo Pereira que, conforme revela Carlos Augusto Calil “era colaborador secreto de *O Homem do Povo*, o jornal de combate de Oswald e Pagu, onde escrevia protegido pela capa bucólica de Gildo Pastor, o mesmo pseudônimo que adotou na Revista Acadêmica.” (KALIL, 2001, p. 373). Seu pseudônimo consta no terceiro e oitavo números, nos quais escreve dois artigos de crítica literária: um referente a uma obra de Blaise Cendrars; outra, sobre uma obra de Francesco Fausto Nitti. Mas é sob o pseudônimo de “Aurelinio Corvo” que Astrogildo Pereira escreve o mais contundente e forte artigo do jornal, na quinta página do primeiro número: “A carniça está gostosa”. O articulista informa o centro de interesse do jornal, ou seja, a queda do poderio capitalista, sobre a qual prevê uma desejável podridão, fazendo coro com o articulista Estalinho, ao apregoar que é no charco que nascerá o lírio. O mundo em putrefação é a alegria do jornal e seu mote principal:

O mundo em convulsão. Combustão. Vulcão Revolução.

Taes notícias é que vale a pena a gente ler, reflectir sobre ellas, ruminar o seu conteúdo. Notícias que estimulam o apetite de estômagos solidos e saudáveis. Para dentes de homens de povo. Carniça gostosa.

Outra assinatura é Raul Maia, e está presente no primeiro, no terceiro, no quarto, no sexto e no oitavo números. Ao nome Raul Maia, provavelmente também correspondam as iniciais “R.M.” ou apenas “R.”, com que também se assinam alguns artigos do jornal. Porém, a partir da descoberta de algumas obras assinadas com esse nome, ao que tudo indica, trata-se de um pseudônimo. Além da coincidência das ideias e dos temas socialistas, as obras trazem a mesma assinatura. É o caso do *Dicionário da Questão Social*, encontrado na edição de 1934, em cujo prefácio, o apresentador da obra, Antônio de Figueiredo, afirma:

Raul Maia é o pseudonymo de um intellectual sincero, devotado dos problemas que há oitenta anos vêm agitando a humanidade. Não é um militante renitente, impulsivo, inflamado; é tão somente um sympathisante de doutrinas, que aos poucos se vão infiltrando entre as massas de operarios e de burguezes, victimas dos desequilíbrios e egoísmos, provocados ou exacerbados por minorias embrutecidas com as preocupações monstruosas dos lucros e das grandezas terrenas. (FIGUEIREDO, *apud* MAIA, 1934).

Em tom de elogio, Figueiredo diz que o referido dicionário está longe de ser neutro. Ao contrário, seria uma obra tendenciosa, de natureza subversiva. Figueiredo deixa evidente a circunstância limitante e as implicações sociais do momento tocante à assinatura. Nessa apresentação, ocorre não apenas a informação sobre o caráter pseudônimo do nome Raul Maia, mas também o conhecimento de traços subversivos com que se ligam à mesma pessoa os papéis de escritor e colaborador de Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*. Reforça esse

entendimento o conteúdo da referida obra, diante do primeiro verbete do *Diccionário*, que é a acepção do vocábulo “Anarchia”, em que Raul Maia define, ao longo de três páginas, a sociedade anárquica, sem governo, sem chefe, sem autoridade constituída, baseada no apoio mútuo. Em sua explicação, critica a ideia de que anarquismo signifique desordem. Também considera tirano o sistema de governo advindo da burguesia, o qual, segundo ele, impõe à grande massa aquilo que convém à minoria burguesa. Suas elaborações, se associadas à escrita oswaldiana e à natureza do jornal, tornam-se essenciais. Dentre outros posicionamentos, “Raul Maia” diz que a desordem de uma sociedade, na verdade, é instalada pelo governo, o qual ele considera “fatal e necessariamente, desordem e crime, confusão e *tyrannia*” (MAIA, 1934, p. 2).

Antonio Manoel Vinhais é outro participante do jornal. Trata-se do anarquista que o português Edgar Rodrigues, em sua obra *Universo Ácrata*, agrupa ao seu próprio como um dos militantes anarquistas, que comungaram Brasil e Portugal (durante a ditadura salazarista), dentre muitos outros listados por ele. O fragmento a seguir consiste no último trecho da sua lista, com uma curta, mas esclarecedora, explicação ao final:

Amilcar dos Santos, António Manuel Vinhais, Adelino Tavares de Pinho, Manuel Marques Bastos, o autor e outros nascidos em Portugal, apoiando como podiam o movimento libertário lusitano e, com a colaboração de anarquistas brasileiros, denunciavam no Brasil e na Europa as tiranias dos governos monárquicos republicanos e fascistas (RODRIGUES, 1999, p. 193-4).

Esses articulistas tornam-se úteis ao momento de Oswald de Andrade, que assimilando aspectos dos ideais anarquistas, protesta contra as limitações da liberdade do homem brasileiro. Reflete a primazia dessa posição o artigo de fundo “Ordem e Progresso”, que se inicia pelo repúdio a autoridades militares e religiosas:

Não temos generaes nem prophetas. Somos a opinião livre mas bem informada. Sabemos nos colocar no espaço-tempo.

Inevitável reforçar que essas autoridades, abordadas inicialmente, representam em metonímia quaisquer outras autoridades que subjuguem o homem. As alianças de colaboradores, na pregação demolidora idealizada por Oswald de Andrade, confirmam os traços radicalmente libertários do jornal, em que o comunismo oswaldiano insurge e se mescla do anarquismo. Essa mistura é confirmada quando diz, pouco mais tarde (1933), no prefácio de *Serafim Ponte Grande*: “Do meu fundamental anarquismo jorrava sempre uma fonte sadia, o sarcasmo” (ANDRADE, 2005, p. 38). A abordagem pretérita (“jorrava”) lembra que o anarquismo seria, algum tempo depois, deixado por ele, o que é reforçado pelo adjetivo “sadia”, que insinua, também, uma ponderação positiva do sentido negativo que ele parece atribuir a sua fase anárquica.

A transição entre o anarquismo e o socialismo é abordado por Ferreira Lima na obra *Caminhos percorridos* (1982), que trata o anarquismo no Brasil como uma fase por que passaram vários militantes antes de se tornarem comunistas. Esse dado é documentado, inclusive, a partir de uma foto de cinco pessoas sobre a qual o autor refere-se na legenda como “futuros *camaradas ainda* anarco-sindicalistas” (LIMA, 1982, p.

113) [grifo itálico do autor; sublinhado, nosso]. Torna-se oportuno acrescentar que, na foto, Lima aponta Astrogildo Pereira e Edgar Leuenroth, conectando-os entre si. Este último consta como parceiro na autoria do livreto *O que é o Marxismo ou Bolchevismo*, que Leuenroth assina juntamente com Antonio Candeias Duarte (LEUENROTH; DUARTE, s/d). Este último afigura-se na obra sob o mesmo pseudônimo “Hélio Negro”, já mencionado. O autor de *Caminhos percorridos* também aborda o nome de Oswald de Andrade e refere-se a contatos que teria travado de passagem com o modernista, por meio de atividades jornalísticas na década de 40.

Portanto, pode-se compreender a conexão entre os articulistas do jornal tanto pela ideologia de esquerda quanto pelos contatos, obras e movimentos relatados pela História. Investigando-se melhor, pode-se aprofundar ou definir melhor essas relações, além das já citadas. Exemplo que amplia o entendimento de suas ligações reside no registro em que estão congregados os articulistas Antonio Candeias Duarte e Astrogildo Pereira, o que, por conseguinte, reforça a ligação com Oswald de Andrade, o jornal e sua ideologia. Maria Luiza Tucci Carneiro confere cumplicidade e interação ideológica entre eles, tendo em vista outras publicações:

Antônio Candeias Duarte, proprietário da tipografia, envolveu-se diretamente com intelectuais da resistência interessados em multiplicar os conhecimentos sobre a URSS e o ideário socialista. Inclusive, Astrogildo Pereira – chegou a procurá-lo em 1931 para imprimir os livretos *O que é o Plano Qüinqüenal* e em *Marcha para o*

Socialismo. (CARNEIRO, 2001, p. 57)

“Corypheu” consiste em outro pseudônimo do jornal. Como personagem do teatro antigo, corifeu é a voz de destaque e a maior figura no coro das tragédias e comédias gregas. Talvez se trate de Corifeu de Azevedo Marques (1907-1965) que, segundo Heitor Ferreira Lima, na obra *Caminhos percorridos*, já exerceu a militância e a direção do Partido Comunista Brasileiro nos anos 30.

Diante das descobertas apresentadas, é importante ponderar alguns fatos. É bem verdade que a relação que se estabelece entre Oswald de Andrade, os pseudônimos e outros articulistas está ligada, além das descobertas bibliográficas, a um trabalho de interpretação, pelos traços estilísticos, dados concretos, inferências e significados evocados para além do texto. E, mesmo com o complexo trabalho de interpretação e pesquisa, que possibilita o avanço a respeito da projeção da pessoa por trás do pseudônimo, há alguns pontos que ficam intermediários entre a partida e a chegada. A partir desses fatos, as operações mentais e relacionais tornam possível associar a criatura “Corypheu” ao seu possível criador, Corifeu de Azevedo Marques. Ambos, acrescidos da ideologia do jornal, tornam-se a manifestação dos laços criados por Oswald de Andrade.

Por fim, mais uma ocorrência em que há outra forma de se manifestar com respeito à autoria da escrita. Presente na sexta página do número 5 do jornal, há uma entrevista intitulada “o terceiro ‘funding loan’ é a solução ao caso econômico do Brasil”, com indicação de ter sido concedida ao “Homem do Povo”. Nessa entrevista, no local da assinatura há uma interrogação. A

ocorrência se une às várias configurações das atitudes e atuações dos articulistas do jornal, cujos nomes misturam realidade e criação, sugestão e afirmação. As pessoas ora se insinuam, ora encaram, ora usam estratégias de proteção, uma vez que as ideias subversivas eram causa de perseguição e punição. Protegidos ou não, a zona de contato está no ataque direto ao poder e nas ideias que congregam para defender uma sociedade mais igual, sem domínio de uma minoria exploradora e injusta, o que justifica a histórica parceria anarquista que também se insinua na articulação do jornal *O Homem do Povo*. Contudo, como era de se esperar, a repercussão dos ataques feitos pelo jornal provocou seu empastelamento e a prisão de Oswald e de sua então esposa, Pagu. Esta, sendo aceita e formalmente filiada ao Partido Comunista, talvez tenha sido a maior influência para a fundação do referido jornal.

Referências

- ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo*: Março/Abril 1931. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1984.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro*. Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 97.
- CALIL, Carlos Augusto. Papel na Bandeja. In: EULÁLIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2001, p. 373.
- CAMPOS, Augusto de. Introdução in ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo*: Março/Abril 1931. Edição Facsimilar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1984, p. 09-15.
- CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: *Obras Completas Oswald de Andrade*: Pau-Brasil. Rio de Janeiro: Globo, 2006. pp. 7-72.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.
- BALZAC, Honoré de. *Os Jornalistas*. Trad. João Domenech. S. Paulo, Ediouro, 2004.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro*. Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.
- DANTAS, Vinicius. O Canibal e o Capital. In: ABDALA JR, Benjamin; CARA, Salete de Almeida. (Orgs.). *Moderno de nascença*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 150-177.
- FAUSTO, Boris. (Org.) O Brasil Republicano: Sociedades e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: Biografia*. São Paulo: Art Editora, 1990. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo: Globo, 2007.
- LEUENROTH, Edgar; NEGRO, Hélio. *O que é o Marxismo ou Bolchevismo*. Coleção Libertária. São Paulo: Semente, n/d.
- LIMA, Eusébio de Queiroz. *Theoria do Estado*. Livraria Freitas Bastos: Rio de Janeiro, 1930.
- LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MAIA, Raul. *Dicionário da Questão Social*. São Paulo: Caramurú, 1934.
- MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda S. *Portugueses: ações e lutas políticas*: Rio de Janeiro – São Paulo. São Paulo: Verona, 2015.
- RODRIGUES, Edgar. *Universo Ácrata*. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 1999.

Recebido em 2018-07-25
Publicado em 2018-11-16